

## A vitória do centro moderado

*Trump foi o grande derrotado nas eleições norte-americanas. Quis transformar estas eleições que seriam um mero referendo à administração incumbente numa escolha entre Biden e Trump. E perdeu.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 11 de novembro de 2022**

As sondagens enganaram-se outra vez. E enganaram toda a gente. Semanas a fio, cientistas políticos e comentadores convenceram-se e, quiseram convencer-nos, que vinha aí uma onda vermelha. Um *tsunami* republicano que levaria tudo à sua frente e arrasaria a política norte americana: o controle do Congresso e o futuro do Presidente Biden.

A ideia era simples e fundava-se em duas tendências: primeiro, a vitória dos republicanos nas eleições; segundo, a vitória de Trump no partido republicano. A vitória republicana era expectável porque, tradicionalmente, os eleitores aproveitam as eleições e intercalares para expressar o seu descontentamento e punir o governo. A vitória de Trump tornara-se expectável pelo elevado número de candidatos trumpistas nas listas republicanas para congressistas e governadores cuja vitória constituiria a rampa de lançamento da sua recandidatura em 2024.

A primeira tendência, a verificar-se, seria normal e não significaria mais que a confirmação de um padrão histórico nas intercalares americanas, aliás confirmado pela estatística: nas últimas vinte cinco eleições apenas três foram vencidas pela administração incumbente. A segunda, pelo contrário, constituiria um alto risco para a democracia. Um Congresso dominado por “negacionistas”, que continuam a defender que a eleição presidencial foi roubada e Biden é um presidente ilegítimo, pugnaria pela anulação das decisões judiciais relativas ao 6 de Janeiro e pela legalização do golpe e do assalto ao Capitólio. Isto é, estaria em causa a credibilidade do acto eleitoral e o regular funcionamento das instituições. Ou seja, a democracia americana.

Ora, sondagens e comentadores enganaram-se redondamente. E nem a onda vermelha no país, nem a trumpisação no partido republicano se verificaram. Os democratas asseguraram já o controlo do Senado. Mesmo sem os resultados da Geórgia, que terá uma segunda volta a 6 de Dezembro, elegeram 50 senadores o que com o voto de qualidade da vice-presidente garante a maioria. Na Câmara dos Representantes em que a maioria se consegue com 218 eleitos, não só não se registou a vitória esmagadora dos republicanos, como os democratas resistem e a eleição continua disputada com 204 democratas e 211 republicanos eleitos.

Mais surpreendente foi, ainda, o resultado dos governadores em que os democratas eram supostos ser varridos e acabam com um ganho líquido de governadores. Isto é, a

administração Biden contraria o padrão histórico da derrota do incumbente. Mas, politicamente, mais significativa foi a derrota dos candidatos trumpistas, alguns dos quais figuras emblemáticas do movimento negacionista. Ou pura e simplesmente perderam e não foram eleitos, ou tiveram uma performance muito abaixo das expectativas. Ao mesmo tempo que o governador da Florida, Ron DeSantis, teve uma vitória retumbante e se perfila, já, como uma alternativa a Trump na liderança dos republicanos.

Que significado tem tudo isto? Primeiro, que os democratas fizeram muito melhor que as expectativas e por isso, mesmo que não ganhem na Câmara dos Representantes, averbam uma sólida vitória. Segundo, que os republicanos fizeram muito pior que as expectativas e por isso, mesmo que venham a ganhar na Câmara dos Representantes, sofrem o efeito da derrota. Terceiro, que Trump foi o grande derrotado. Escolheu maus candidatos e perderam. Viu surgir uma alternativa forte à liderança republicana. Viu reduzido o seu controle no partido e mais difícil a sua recandidatura à presidência. Mas mais do que isso, quis transformar estas eleições que seriam um mero referendo à administração incumbente numa escolha entre Biden e Trump. E perdeu.

No discurso da noite eleitoral Biden mostrou-se confiante, mas sem triunfalismos, conciliador e sereno, a desdramatizar a polarização da campanha e, sobretudo, aberto a negociar com os republicanos moderados. A negociar tudo, excepto o que possa comprometer a sua agenda de protecção aos mais vulneráveis. Republicanos moderados que com os desaires dos trumpistas mantêm influência no partido e no congresso. Ora, esse é talvez o significado mais importante destas eleições intercalares: a vitória política do centro moderado. Uma vitória surpreendente da democracia americana.

<https://www.publico.pt/2022/11/16/opiniao/opiniao/vitoria-centro-moderado-2027837>